

# humanitas

**Vol. XLIII-XLIV**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XLIII-XLIV

HUMANISMO PORTUGUÊS  
NA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

CONGRESSO INTERNACIONAL  
(Coimbra, 9 a 12 de Outubro de 1991)

## ACTAS



COIMBRA

MCMXCI - MCMXCII

## AS CARTAS DOS JESUÍTAS DO JAPÃO, DOCUMENTO DE UM ENCONTRO DE CULTURAS

ANÍBAL PINTO DE CASTRO

Os múltiplos contactos que os Portugueses mantiveram com os povos que, desde o início dos Descobrimentos, foram encontrando pelos quatro cantos do mundo, suscitaram um rico e variado conjunto de textos que conferem à literatura portuguesa em geral, mas com maior relevância talvez nos períodos do Renascimento e do Maneirismo, características que deveras a singularizam e lhe conferem um especial interesse, entre as demais literaturas novi-latinas.

Tais textos, produzidos na maior parte dos casos à margem dos códigos vigentes na época da escrita, caracterizados, como se sabe, por forte coesão normativa, tanto em termos de teoria explícita, como implícita ( quando não resultantes de uma frontal infracção das normas por eles definidas), apresentam sobejos motivos que justificam e compensam a leitura que deles hoje possa fazer-se, quer no plano da investigação e do ensino, quer no da simples fruição estética ou cultural, intenção infelizmente cada vez mais arredada dos hábitos quotidianos deste super-ocupado mundo em que vivemos<sup>(1)</sup>.

O primeiro desses motivos é indubitavelmente de ordem estética. Pelos registos estilísticos que lhes são próprios. Mas também (e com não menor ênfase), porque esses textos oferecem um curioso e estimulante contraponto com a produção literária mais claramente marcada pelos modelos literários da Antiguidade greco-latina e das literaturas modernas que mais cedo os tinham igualado, em especial a italiana.

---

(1) Remeto, a este propósito, para a minha síntese "Os Descobrimentos na Literatura Portuguesa", in *Portugal no Mundo*. Dir.de Luís de Albuquerque. Lisboa, Publicações ALFA, 1989, vol.IV, p.35-44.

Razão de não menor peso para deles nos aproximarmos, sobretudo em tempo de tantas comemorações à volta dos Descobrimentos, é o seu valor documental, não tanto como registos de notícias de índole meramente factual, mas sobretudo como registos eloquentes dos muitos e variados encontros (e desencontros!) entre culturas tão diferentes e caracterizadas por um grau tão variado de prestígio, de antiguidade e de esplendor, como eram a cultura da Europa e as culturas que os navegadores, soldados, comerciantes, aventureiros e missionários portugueses foram encontrando, primeiro em África, e depois na Índia, no Brasil, na China e no Japão.

Claro está que considerações como estas nos trazem de imediato ao espírito obras como a *Peregrinação* (1614), os numerosos "itinerários" ou os relatos de naufrágios da *História trágico-marítima*, a *Verdadeira informação das terras do Preste João das Índias* (1540), do Padre Francisco Álvares, a *Etiópia Oriental* (1609) de Fr. João dos Santos, ou a *História geral da Etiópia, a alta*, que, começada pelo Padre Pedro Pais e continuada pelo Padre Manuel de Almeida, viria a ser completada e publicada em 1660 pelo Padre Balthasar Teles. Outros, porém, por menos conhecidos ou por menos "literários", têm-se mantido bastante mais na sombra, se é que não de todo esquecidos, nesta perspectiva, mesmo por investigadores da craveira do Padre George Schurhammer<sup>(2)</sup>, do Prof. Charles Boxer<sup>(3)</sup>, de Kiichi Matsuda<sup>(4)</sup> ou do Padre Michael Cooper, S. J.<sup>(5)</sup> É o caso de obras como o *Tratado das cousas da China* (1570), de Fr. Gaspar da Cruz, do *Oriente conquistado a Jesus Cristo*, do Padre Francisco de Sousa, do *Novo descobrimento do Grão Cataio*, do Padre António de Andrade, das *Batalhas da Companhia de Jesus na sua gloriosa Província do Japão*, do Padre António Francisco Cordeiro, entre vários outros e para me referir apenas a textos relativos às partes do Extremo Oriente alcançadas pela evangelização portuguesa.

É também o caso das Cartas enviadas pelos missionários Jesuítas dessas remotas paragens aos seus confrades da Índia ou da Europa, que hoje escolhi para estas breves considerações, que (perdoe-se-me a presunção!...) me pareceram não destoar no

---

(2) Vejam-se, entre outros trabalhos, *Die Disputationen des P. Cosme de Torres, S. J., mit den Buddhisten in Yamaguchi im Jahre 1551*. Tokyo, 1929, e aqueles que reuniu em *Gesammelte Studien II: Orientalia*. Roma / Lisboa, 1963.

(3) Cf., entre vários outros, *Fidalgos in the Far East, 1550-1770: Fact and Fancy in the History of Macao*. The Hague, 1948, *The great ship from Amacou: Annals of Macao and the Old Japan Trade, 1555-1640*. Lisboa, 1963 e *The Christian Century in Japan, 1549-1650*. California, 1967.

(4) *The Relations between Portugal and Japan*. Lisboa, 1965.

(5) *Rodrigues, the Interpreter. An early Jesuit in Japan and China*. New York, 1974.

texto e no contexto de um congresso em boa hora consagrado ao "Humanismo Português na época dos Descobrimentos".

Já o Senhor D. Manuel II, em 1932, embora numa perspectiva predominante de documento histórico restritamente noticioso, sublinhava a sua importância, ao escrever no vol. II dos *Livros antigos portugueses* que "as cartas d'esses verdadeiros obreiros do nosso colossal Imperio conteem sempre innumeradas noticias interessantes acerca dos paizes, quasi desconhecidos, que percorriam e evangelizavam"<sup>(6)</sup>. E uma prova real da actualidade do seu valor está no facto de os exemplares que das edições que delas se fizeram no século XVI, aparecidos em 1989 num leilão realizado em Koenigstein, pelos antiquários Reiss & Auvermann, terem sido comprados com terrível voracidade por bibliotecas públicas japonesas.

Desde muito cedo que os sucessores de S. Francisco Xavier apostaram na publicação de tais documentos, pois que, passados três escassos anos sobre o falecimento do Santo Fundador, ocorrido em 3 de Dezembro de 1552, isto é, mal chegadas à Europa, saía dos prelos de João Álvares, aqui em Coimbra, a *Copia de unas cartas de algunos Padres y Hermanos de la Compañia de Jesus que escriuieron de la India, Iapon, y Brasil a los Padres y Hermanos de la misma Compañia trasladadas de portugués en castellano*.

Novas edições, acrescentadas, também em castelhano, saíam em 1562 e 1565 da tipografia de João de Barreira.

Simultaneamente iam surgindo edições em português.

Em 1570 editava António de Mariz, sempre em Coimbra, e com duas variantes gráficas, ambas dedicadas ao famoso Bispo desta diocese D. Fr. João Soares, um volume intitulado *Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus, que andão nos Reynos de Iapão escreuerão aos da mesma Companhia da India, e Europa, des do anno de 1549. ate o de 66*. Vale a pena citar o resto do título, porque nele, habilmente, o editor ou os promotores da edição, com o intuito de atraírem o interesse dos leitores, virtuais compradores, explicitavam, justamente no paratexto, o valor da obra como testemunho do encontro de culturas de que hoje pretendo ocupar-me. Com efeito lia-se ainda na portada: *Nellas se cõta o principio, socesso, e bõdade da Christandade daquellas partes, e varios costumes, e idolatrias da gentildade*.

---

(6) *Livros antigos portuguezes da bibliotheca de Sua Majestade Fidelissima*. Londres, Maggs Bros., 1932, vol. II, p. 738.

Esta mesma dimensão noticiosa relativamente a acontecimentos da história do Japão e da China aparece na portada de nova edição, publicada em Lisboa, em 1593, na oficina de Simão Lopes:

CARTAS/ DO IAPAM / NAS QVAES SE TRATA / da chegada á quellas partes dos fidalgos Ia-/ pões que ca vierão, da muita Christandade que / se fez no tempo da perseguição do tyrano, das guerras que ouue, & de como Quambacudono / se acabou de fazer senhor absoluto dos 66./ Reynos que ha no Iapão, & de outras / cousas tocantes ás partes da India, / & ao grão Mogor.

Cinco anos depois, em Évora, nos prelos de Manuel de Lira, "por mandado do Reverendíssimo em Cristo Padre D. Teotónio de Bragança", Arcebispo da metrópole alentejana, cujas armas apareciam na portada, imprimiam-se em dois tomos (o segundo dos quais sem portada), as

CARTAS QVE OS / PADRES E IRMÃOS / da Companhia de Iesus escreue-/ rão dos Reynos de Iapão & China / aos da mesma Companhia da In / dia, & Europa, des do anno / de 1549. até o de / 1580 / [...] / Nellas se conta o principio, socesso, & bondade da Chris- / tandade daquellas partes, & varios costumes, & falsos ritos da gentilidade.

E não falo agora, por falta de tempo, das edições aparecidas em Espanha e em Itália.

Como é fácil de ver, as sucessivas edições aproveitavam as anteriores, não sem lhes alterarem os textos, com acrescentos, supressões e modificações várias, decorrentes da função edificante dos textos que continham, destinados à leitura comunitária em casas professoras, colégios e residências, com a finalidade de acender nos membros da milícia inaciana o proselitismo missionário tão intensamente vivido pelos seus mitentes e por grande parte dos seus destinatários. Para termos uma ideia da dimensão e alcance de tais alterações textuais, bastará recordar a supressão das cartas de Fernão Mendes Pinto eliminadas em todas as edições portuguesas, quando a Companhia, verificando que o fervor da sua súbita conversão em breve se consumira, como fogo fátuo que era, lhe abriu as portas do Colégio de Goa, se é que não lançou compulsivamente por elas ovelha tão depressa gafa pela tinha das venalidades da veniaga que mal acabara de deixar. É um trabalho de crítica textual, que terá de considerar também as versões manuscritas existentes em bibliotecas e arquivos nacionais e estrangeiros, que me anda a chamar com aliciante insistência, e ao qual de bom grado me entregarei tão depressa me liberte das burocracias administrativas em que se enreda o meu dia a dia de investigador transviado e saudoso do sossego do meu canto...

Não escreviam os missionários inicianos por desenfado ou pela simples necessidade de ocuparem ócios que, aliás, não tinham. Escreviam para acenderem nos destinatários seus confrades o fogo das vocações que os ajudassem nos difficilimos trabalhos da evangelização. Por isso, em carta escrita de Cochim, em viagem para o Japão, escrevia o Padre Gaspar Vilela aos irmãos do Colégio de Coimbra, aqui a dois passos de nós:

"Agora he tempo carissimos irmãos, de pordes por obra vossos desejos, pois vedes chegado o tempo. Não vos impida o temor de vir ajudar estas almas, pois Christo nosso Senhor tanto fez por ellas. Acudi irmãos a estas criaturas, que tão apartadas andão do conhecimento de seu criador: vinde abraçar a Cruz, porque este campo não está aparelhado senão para caualeiros de Christo. Sayão vossos desejos, passem vossos affeitos de mar a mar: vinde a ver estas novas estrellas, e Reinos, poque delles sejamos levados ao Reino eterno" (fl. 30-30v.).

Completando a sua própria experiência, e os dados que através dela obtinham, com informações certas recebidas de várias fontes, iam os mitentes relatando cuidadosamente quanto lhes parecia susceptível de despertar a curiosidade e o proselitismo dos destinatários, ou de os preparar para melhor enfrentarem uma realidade geográfica e humana tão radicalmente diferente daquela de que provinham. As notícias assim elaboradas e transmitidas serviriam, como declarava o Padre Luís de Frois, em carta de 20 de Fevereiro de 1565, "pera que ouuindo as [tomassem] motiuo pera se compadecerem [daquela] gente; vendo a artificiosa industria, & sagacidade que o demonio enuentou pera cõ pretexto de religião, e cõ grandes cerimonia, e obseruações exteriores introduzir com falsidade nos corações dos Iapões sua perdição" (fl. 172).

Compreende-se por isso que "escreuer o que socede acerca da Christandade onde [residiam], ou por onde [passavam], era obrigação de preceito em que todos estavam, como ponderava o Padre João Cabral, em carta escrita de Bungo, a 15 de Novembro de 1566 (fl. 228).

E compreende-se também que, tal como apareciam impressas, as cartas fossem objecto de adaptação. Muitas vezes apenas se publicavam passos mais significativos para as funções previamente cometidas ao texto, havendo porém o cuidado de mencionar nas epígrafes esse carácter fragmentário (fl. 67).

Escritos por homens de boa cultura, tantos deles saídos de prestigiadas Universidades ou dos colégios que a Companhia ia estabelecendo por toda a Europa, estes textos apresentam uma singular conciliação das regras de composição retórica no que tocava aos códigos da *inuentio*, da *dispositio* e da *elocutio*; mas, resultando, por outro lado, de uma permanente atenção voltada para a realidade e de uma dura expe-

riência quotidianamente vivida, surgem despojados de toda e qualquer ostentação de erudição livresca. Raríssimas são por isso as referências à história ou à mitologia clássicas; que me lembre, só o Padre Gaspar Vilela compara o tirano do Miaco chamado Dajondono a um "segundo Nero na crueldade" (carta escrita de Imôry, a 2 de Agosto de 1575 [fl. 190]) e o Padre Luís de Frois, querendo caracterizar as casas da cidade de Guifû, no reino de Minno, as compara, na sua complicada disposição interior, ao labirinto de Creta (carta de Miaco, de 12 de Julho de 1569 [fl. 272v.]).

Deste modo, a determinação das suas marcas literárias surge em plenitude daquele contraponto que pode estabelecer-se entre estes textos e os textos escritos com deliberada intenção estética. Mas, com não menor evidência, aparece o tal valor documental como testemunho de um encontro de culturas de que falava acima.

É que, feridos pelo que de novo e diferente iam encontrando, e preocupados em ver e interpretar essa realidade para eles tão nova e deslumbrante, os seus autores mantinham-se como que imunes aos "vícios" do escritor, descrevendo uma realidade vista sem distorções, ou, pelo menos, mais isenta das distorções inerentes à bagagem da sua memória literária, deixando em primeiro plano apenas as referências que a sua cultura de origem comportava.

Com uma rasgada visão, os missionários não enjeitavam a cultura humanística. Bem pelo contrário, faziam dela a pedra fundamental da sua preparação para as tarefas da evangelização. Escrevendo de Malaca, a 3 de Dezembro de 1554 aos seus confrades de Portugal, dizia por isso o Padre Mestre Belchior Nunes Barreto:

"O irmãos meus, se tiuesseis esperiencia do que ca se passa, verieis claramente que se nosso Sñor muito ha aumentado a companhia de Iesu nesse Reino de Portugal foi pera ahi se exercitar em muitas virtudes & letras, e depois vir a estas partes receber o fruito dellas. La se ajunta a lenha, mas cá se põe o fogo pera se offerecerem holocaustos medulares ao altissimo Deos. La se laurão as pedras, mas ca se vem edificar o templo de Salamão" (fl. 32).

No entanto, essa cultura destinava-se a frutificar *ad maiorem Dei gloriam*, transformando-se por isso na base de todas as estratégias para a salvação dos homens, através da evangelização. Era em função dela que estes homens abriam os olhos à realidade referencial que encontravam. Era em função dela que assimilavam tudo quanto nas culturas que iam encontrando no seu peregrinar lhes podia servir para melhor pregarem a sua fé. Era em função dela que viam, com um discernimento admirável, tudo aquilo que, na que lhes era própria e naquelas com que deparavam, podia adaptar-se ou fundir-se, numa síntese nova, que fizesse do homem velho da *gentilitas* o homem novo da *humanitas christiana*. É, pois, percorrendo este percurso

duplo de dar e receber que os missionários jesuítas de Quinhentos, sem esquecerem nem postergarem o ideal proselitista que os animava, por vezes até ao martírio, se transformam nos grandes obreiros desse sedutor encontro de culturas entre o Ocidente e o Oriente. E é dessa osmose que as cartas que escreveram, ainda por obediência a esse ideal, são um documento de fidedigna significação.

Aduzirei, no breve tempo que me resta, algumas provas desse fenómeno.

Conscientes da importância desse conhecimento para a penetração que pretendiam na sociedade nipónica, mostraram-se os Jesuítas, logo desde o início, extremamente atentos à organização social e política do Japão e preocupados em dá-la a conhecer aos seus futuros companheiros. Por isso importava muito estudar e conhecer a cultura e a língua japonesa (fl. 185v.).

A língua, aliás, segundo Gaspar Vilela, não era "muito dificultosa de entender (carta de Sacai, de 17 de Agosto de 1561 [fl. 93 v.]). E na residência de Bungo – conta o Padre Baltasar Gago – os Padres e Irmãos consagravam todo o tempo disponível a estudar o japonês, usando-o mesmo na sua comunicação doméstica (fl. 63v.)

Abundam por isso minuciosas descrições dela, sendo uma das mais completas a que o Padre Gaspar Vilela elaborou numa longa carta escrita de Sacai, aos Padres do Convento de Avis, a 15 de Setembro de 1565 (fls. 193-197v.).

Os seus conhecimentos científicos, usos e costumes são objecto da particular atenção do Padre Luís de Frois, escrevendo do Miaco em 20 de Fevereiro anterior (fls. 172 e segs.).

Mas as festas, (fl. 91v.-92), as seitas (fl. 99), os enterros (fls. 57v. e 80v.), a alimentação (fl. 30 e 146v.) são igualmente objecto de relatos desses e de outros padres. Veja-se, a título de exemplo, esta descrição da preparação do chá, por certo uma das primeiras que a Europa conheceu, pela pena do Irmão Luís de Almeida:

"He costume antre os Iapões nobres e ricos, quando tem algum hospede, que seja pessoa de obrigação, por despedida mostrarem-lhe suas peças ricas em sinal de amor: as quaes são todos os petrechos com que bebem hũa certa erua moida, que a quem a costuma beber he gostosa, que se chama Chà. A maneira de a beberem, he deitarem cãtidade de mea casca de noz dos pos desta erua muida em hũa porcelana, & desfeitos com agoa muito quente os beberem, & pera isto tem hũas panellas de ferro muito antiquissimas, & assi as porcelanas, & a vasilha em que deitão a agoa com que enxaguão a porcelana, & hũa trempemzinha, em que poem a cobertoura da panela de ferro, por se não por no chão sobre as esteiras. A vasilha onde tem os pos do chã, a colher com que os tirão, o coco com que tirão a agoa quente da panela, e o fogão, todas estas peças são a pedraria do Iapão, da propria maneira que entre nos se tem aneis, joyas, & colares de muito ricos rubis, & diamantes" (fl. 163).

Tais notícias exprimem-se com significativa frequência em termos comparativos com o que de semelhante ou dissemelhante tinham deixado em Portugal ou na Europa. É assim que a cidade de Miaco é comparada pelo Padre Luís Frois a Lisboa (fl. 182v.) e, falando do seu lugar, relativamente à organização administrativa do território, o Padre Gaspar Vilela a coloca em situação semelhante à de Roma para a Europa cristã (fl. 319v.).

Não raro a comparação contém a declaração explícita da superioridade daquelas terras e gentes em detrimento dos europeus. Sirva de exemplo esta afirmação do Irmão João Fernandes, em carta de Bungo, datada de 8 de Outubro de 1561: "he esta gente de Iapão de mui grãde memoria pola mayor parte, & comprende mais facilmente as materias que a nação Espanhola" (fl. 77v.). Mas o Padre Luís Frois vai mais longe, quando, invocando o testemunho de S. Francisco Xavier, declara, em carta de Miaco, de 27 de Abril de 1565:

"... em sua policia, tratamento, & costumes [...] fazem em muitas cousas tanta auantagem aos Espanhoes, que se não pode dizer, & se os Portugueses que ca vem não tem ainda maior opinião de Iapão, he porque não vem, nem conuersão mais que com mercadores, & gente pouco polida, que mora ao longo da costa, que comparada com a deste Reino do Miáco, he nais infima que a Beira, em respeito da corte, & assi se chama cá no Miáco gente do Mato" (fl. 184v.).

Estas descrições e por vezes até simples impressões revelam uma permanente relação com a orgânica social, os usos, costumes e crenças de Portugal e de Espanha, dando lugar a um curioso fenómeno de aculturação conceptual.

Os notáveis de cada localidade, uma vez baptizados, logo são nobilitados com títulos de *Dom*, com o Senhor de Taquexima, que passa a chamar-se D. António (fl. 147). O senhor principal de Vomura é promovido a *Infante D. Bartolomeu* (fls. 302, 302v. e 316v.) e sua mulher é feita *Duquesa*. (fl. 297 v.). Os "fidalgos" têm morgadios como em Portugal (fl. 73).

E até a organização das comunidades masculinas e femininas da religião shintoísta era descrita por similitude com os mosteiros de frades e freiras da Cristandade ocidental, marcando-se as suas rezas pelos tempos das horas canónicas do breviário.

Com o intuito de captar os virtuais catecúmenos, os Padres não de cansam de prestigiar usos e costumes, com enxertos culturais europeus, explorando o gosto dos nipónicos pelo aparato e pela festa. Podia servir de exemplo a descrição de sumptuosos funerais que encontramos numa carta do Irmão Luís de Almeida, escrita de Firando a 25 de Outubro de 1570 (fl. 291), ou noutra do Padre Luís de Frois, de 20 de Agosto de 1576 (fl. 366).

Outra transposição do maior interesse é a das instituições de assistência, como as confrarias da Misericórdia e os hospitais, especialmente em Firando, segundo notícia do Padre Gaspar Vilela, de 6 de Outubro de 1571 (fl. 318 v.-319 e 55 v.).

As celebrações litúrgicas davam naturalmente lugar a que os missionários recorressem a formas de arte próprias da Europa. Assim, na procissão da Ressurreição, na Páscoa de 1557, em Firando, o Sacramento foi acompanhado por cristãos entoando salmos "em canto d' orgão (que he cousa que nunca cá ouuiram)", nota o Padre Gaspar Vilela (fl. 57v.); e nas festividades com que os cristãos de Bungo celebraram a Ressurreição de 1564, os mais deles que eram já "arrezoados músicos", tangeram "suas violas d'arco, que [era] muito pera os ouuir" (fl. 156-156 v.).

O teatro não foi desaproveitado<sup>(7)</sup>. A liturgia própria dos dois grandes núcleos do temporal, o Natal e a Páscoa, enriquecia-se, como nos mosteiros e catedrais da Europa medieval, de curtas mas expressivas manifestações dramáticas.

Não resisto à tentação de dar sobre esta matéria alguns pormenores. Em carta de 27 de Setembro de 1567, escrita de Bungo, conta o Padre Belchior de Figueiredo o seguinte:

"... representa-se nesta festa sempre na noite do nascimento no meio da igreja, alguns passos da Escritura por figuras que o representam assi como passou. São os passos como hora a caída de Adão, & o sacrificio de Abrahão, o passo de Lot, o diluio & arca de Noe: a que se acrecentou este anno o caso de Ioseph & seus irmãos, cõ seu pai Iacob, ate a entrada do Egipto. Custumão os Iapões nestas representações mostrar os principaes passos por figuras, & o que mais convem, he praticada polas mesmas figuras por seus ditos; & o que pertence ao escritor cronista, ou euangelista, cantão em um coro alguns de fora ordenados pera isto..." (fl. 243).

Na Páscoa a representação tinha lugar durante a procissão eucarística da Ressurreição. No Bungo, em 1561, iam diante do pálio meninos "cada hum com seus mysterios todos dourados [...] cantando tres maneiras de cantares, s. a primeira, *Dic nobis Maria*, ao qual respondião dous mininos a reposta de Maria Madanela, & depois *Alleluya*, & logo *Laudate Dominum omnes gentes*". A narração é do Irmão João Fernandes (fl. 80).

No ano seguinte, porém, a representação foi mais completa e aparatosa, segundo versão do Irmão Aires Sanches:

---

<sup>(7)</sup> Cf. P.e Mário Martins, S. J., *O teatro nas cristandades da Índia e do Japão*. Braga, 1986.

"Ao dia de Pascoa na procissam da Resurreição, se representarão algũas cousas da sagrada escritura, como foy a sayda dos filhos de Israel do Egypto, pera o qual se fez hum mar roxo, o qual se abrio ao passar dos Israelitas, & se tornou a cerrar quando passaua Faraõ com seu exercito. Tambem se representou a historia do Profeta Ionas, que saia da balea, & outras semelhantes" (fl. 101v.).

A simplicidade litúrgica da dramatização medieval, certamente pela existência de maiores recursos, parecia já querer dar lugar à complicada temática e encenação do teatro jesuítico.

Com o tempo os textos destas representações passam a ser ditos em japonês. Segundo conta o Padre Belchior de Figueiredo, na Páscoa de 1566, em Ximabará, assim aconteceu:

"Pera este dia tinha Paulo [um cristão japonês] feito na lingoa de Iapão em certo modo de verso, que costumão cantar os Iapões, toda a historia do sepulcro de Christo, & de reposta do Anjo as Marias, que o forão visitar o qual ao redor de hum penedo mui ornado grande de aruores naturaes, que os Iapões costumão a prãtar desta maneira em suas casas pera sua recreação, representarão os meninos, e meninas filhos dos Christãos, com muita satisfação de todos" (fl. 225).

Só este capítulo da elaboração de traduções para japonês daria para nova comunicação. Gramáticas, dicionários, homilias, catecismos, tudo foi sendo objecto de versões, à medida que aumentava a competência dos Inacianos nos idiomas locais. Até textos de edificação de antiquíssima tradição na Europa medieval foram traduzidos. Deles menciona o Padre Luís Frois a *Vida de Santo Aleixo* (fl. 428).

Não menos importante e interessante será o estudo das notícias, assaz minuciosas, das disputas teológicas que os missionários mantinham com os bonzos, pois revelam os encontros e desencontros que opunham as concepções morais, religiosas e filosóficas que cada parte procurava defender e atacar, revelando, mais uma vez, a subtileza com que os Apóstolos sabiam aproveitar as semelhanças para vencer as diferenças ou, pelo menos, para diminuir as distâncias em ordem à catequização pela convicção (fls. 20-21, 240v e segs., e *passim*).

E que belo estudo lexicológico daria a análise das importações vocabulares recebidas na língua portuguesa através destes textos: *beóbu*, "paineis cosidos em ouro" (fls. 272v., 274,320 v.), *quimão*, "vestido" (fl. 66 e 146v.), *jequixó*, "boceta grande dourada" (fl. 259), *quiogen*, "bailos" (fl. 260), *goxuim*, "salvo-conduto" (fl. 260v.), *catambira*, "peça de vestuário" (fl. 274), *funê*, "embarcação" (fl. 415), *sacanà*, "cousa de comer" (fl. 259), etc.

Tenho, porém de terminar.

Vendo embora a realidade numa perspectiva *de propaganda fide*, estas cartas encerram, sem dúvida, um documento dessa osmose cultural que foi, afinal, por entre sombras de humanidade e esplendores de santidade verdadeiramente heroica, a afirmação mais eloquente da nossa capacidade de peregrinar através de um mundo configurado pelos traços de um grande planisfério, graças à acção de homens que, à sua maneira, souberam forjar em simbiose muito própria a herança do Humanismo greco-latino com o fogo espiritual do Cristianismo, para fazerem do humanismo dos livros a humanidade da vida. Por isso me pareceu que lembrá-las era contribuir, modestamente embora, para um conhecimento mais completo do Humanismo português.